



GÊNERO NA OBRA “ANGÉLICA”: UM ROTEIRO DE LEITURA

Otaíza dos Santos Silva; Prof^a. Dr^a. Kalina Naro Guimarães (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba. otaiza2014@hotmail.com, kalinaro@gmail.com

Resumo: Vivemos em um país onde a opressão e violência contra mulheres é uma triste realidade. Fruto de uma cultura patriarcal, as relações entre homens e mulheres, seja no campo do trabalho ou da afetividade, são desiguais, com franca desvantagem ao feminino. Nesse contexto, discutir questões de gênero na escola é fundamental e a literatura infanto-juvenil pode contribuir com esse debate, tendo em vista que, além de problematizar o gênero expondo os limites e as contradições impostos ao feminino e ao masculino, procura dialogar mais diretamente com o jovem leitor, seja pela linguagem que aciona, seja pelas situações e problemas narrados. Na obra *Angélica* (1975), Lygia Bojunga apresenta personagens que encenam e questionam estereótipos e lugares atribuídos comumente a mulheres ou homens, desnaturalizando o gênero. Considerando essa narrativa, nosso artigo pretende oferecer um roteiro de leitura, sistematizando questões temáticas e formais da obra, enfocando, neste processo, o gênero. O trabalho está fundamentado nos estudos de gênero desenvolvidos por Scott (1995), Louro (1997), Lins et al. (2016); e na reflexão sobre o letramento literário na escola (COSSON, 2016; 2014; 2009). Nosso roteiro de leitura não constitui receita ou esquema de abordagem da obra, mas pretende servir de auxílio ao professor que planeje mediar boas discussões sobre o gênero na literatura e na vida.

Palavras-chave: Gênero, Roteiro de leitura, Lygia Bojunga.

Introdução

Temas como a condição feminina, a luta pelos direitos das mulheres e a desigualdade de gênero tem sido bastante discutidos nas últimas décadas, resultando, assim, em diversos estudos. Segundo Louro (1997), o gênero é construído cultural e historicamente e foi inicialmente questionado por um dos movimentos mais importantes do século XX, o feminismo. Foi por meio desse movimento sociocultural que questões de gênero começaram a ser debatidas, incluindo a segregação social e política da mulher. Contudo, por mais que as mulheres tenham conseguido vários direitos antes negados, os discursos de que o universo doméstico é essencialmente feminino são reproduzidos até hoje. Ainda é esperado que a mulher do século XXI seja “bela, recatada e do lar”¹, subserviente à figura masculina e que construa sua identidade mediante padrões pré-

¹ Frase título de uma reportagem da revista *Veja*, referindo-se à atual primeira dama Marcela Temer. LINHARES, Juliana. Bela, recatada e do lar. **Revista Veja**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/a-estrela-de-marcela-temer/>. Acesso em: 16 jun. 2017.



estabelecidos pela sociedade. Apesar disso, vários são os espaços de resistência à cultura patriarcal, sendo a arte um lugar privilegiado para problematizar e subverter às expectativas de gênero, especialmente a literatura.

Essa resistência também pode ser encontrada na literatura infanto-juvenil, pois uma das funções da obra literária é servir de ponte crítica entre o mundo ficcional e o real, focalizando e problematizando questões sociais. Dessa forma, sendo a obra literária um espaço em que padrões impostos pela sociedade podem ser subvertidos, o trabalho com a literatura em sala de aula é um importante meio para possibilitar ao aluno um pensamento crítico e reflexivo. O contato com textos que problematizam questões de gênero tem um grande potencial humanizador e educativo, pois possibilitam a ampliação da visão do aluno sobre os diferentes modos de ser homem e mulher, mostrando-lhe outros caminhos além daqueles oferecidos pelo universo sociocultural de uma dada comunidade.

Como representante dessa literatura que aborda, de modo crítico, temas sociais sensíveis, Lygia Bojunga Nunes, um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil brasileira, revela uma perspectiva ética e estética singular. Em suas obras, é perceptível a presença de personagens femininas, a desconstrução da hegemonia de gênero e o trabalho com o diferente como interesse temático recorrente. A esse respeito, Sandroni (2011, p. 123) observa que “a igualdade (ou desigualdade) dos sexos e a busca do autoconhecimento para a superação dos conflitos internos são temas presentes”. Assim, Bojunga, na obra “Angélica” (1975), coloca em cheque o preceito burguês de família, que é estruturado na obediência da mãe e dos filhos à figura masculina.

Considerando as desigualdades na prática e no exercício do poder, esse artigo tem o objetivo de construir um roteiro de leitura para a obra em perspectiva, com ênfase na discussão sobre os modos de representação das relações de gênero. A ideia é, com isso, contribuir para fazer da escola um espaço de debate de temas contemporâneos, como as relações de gênero, no sentido de pensar o humano em sua diferença, ampliando a visão dos estudantes rumo à uma perspectiva de igualdade de direitos entre homens e mulheres. A intenção é, assim, de promover a discussão em sala de aula de temas de interesse social mediante o processo de letramento literário, pelo qual a construção literária de sentidos ganha centralidade (COSSON, 2016), contribuindo para a formação do leitor crítico e autônomo.

Serviuiu de embasamento teórico, quanto à questão de gênero, os estudos de Louro (1997) que refletem sobre o papel da escola na construção da identidade e da diferença, pois nela espaços são delimitados e as diferenças entre sujeitos evidenciadas; e Scott (1995), que problematiza a teoria do

patriarcado e desenvolve o conceito de gênero como “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [e] um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 14) No que se refere à base teórica sobre o ensino de Literatura, utilizamos, sobretudo, as reflexões de Cosson (2016) sobre o letramento literário.

De caráter documental e bibliográfico, esse texto é dividido em três partes. Na primeira, refletimos sobre o conceito de gênero, assim como sobre a abordagem de temas polêmicos na literatura infanto-juvenil, especialmente na obra de Lygia Bojunga; na segunda parte, discutimos o conceito de letramento literário e as implicações para o ensino; por fim, na terceira parte, sistematizamos um roteiro de leitura para a obra “Angélica” (1975), inspirado no letramento literário.

1. Questões de gênero na narrativa infanto-juvenil “Angélica”, de Lygia Bojunga

A abordagem de temas polêmicos em obras infanto-juvenis que se afastam das restrições da pedagogia moralizante faz-se necessária para estimular e desenvolver a competência dos leitores mirins frente às questões de desigualdade e injustiça social. Assim, segundo Paiva (2008), é importante insistir nessas temáticas por acreditar que, “talvez, um distanciamento dessas demandas pedagógicas, possa contribuir para um redimensionamento do livro infantil e, ao mesmo tempo, inseri-lo em outra perspectiva, no contexto maior da literatura em geral.” Logo, trabalhar com questões de gênero em sala de aula faz com que a literatura cumpra uma de suas funções “enquanto processo estético, que tem como característica fundamental o investimento na perplexidade do ser humano frente à vida” (PAIVA, 2008, p. 45). Nesse sentido, é importante do ponto de vista da aprendizagem da própria criança, o contato com textos que possibilitem a construção de sentido, que problematizem questões reais do cotidiano do sujeito.

Em seus estudos sobre os temas abordados na literatura infanto-juvenil, Paiva (2008) apresenta três categorias: a fantasia como tradição; o conteúdo como opção e a realidade como aposta. De acordo com essa divisão, podemos dizer que a questão do trato com o gênero está inserido na realidade como aposta, pois se refere a um dado da realidade, possível de ser encontrado no cotidiano da criança. É nesse sentido que a leitura da obra “Angélica” (1975) torna-se importante, pois, além de oferecer um universo esteticamente construído, traduz problemáticas sociais imprescindíveis à formação crítica do leitor. O modelo de família trazido na obra, representado pela personagem Angélica, pai, mãe e filhos, todos devendo obediência ao patriarca, faz com que a

criança possa se identificar, seja porque esse modelo familiar reflete o de sua própria casa, seja porque ele difere do arranjo familiar no qual está inserido. A partir dessa identificação/rejeição o leitor amplia significações, podendo vir a ser um sujeito crítico de sua própria realidade e a do outro, através da narrativa e das personagens da obra.

Lygia Bojunga consegue quebrar o direcionamento pedagógico, comum na literatura infanto-juvenil, ao fazer uso do lúdico e ao dispensar um cuidado com a linguagem que o público-alvo dessa literatura exige. A autora, através do discurso informal da linguagem, simples sem ser simplório, conquista o leitor por tratar de temas considerados complexos, mas de forma a aproximá-los das crianças, haja vista que eles são desenvolvidos num cenário que considera as demandas, os saberes, a experiência, e os interesses do público infanto-juvenil.

Sendo o gênero “um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino” (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016, p.10), é necessário fazer com que a escola seja um espaço onde a pluralidade dos sujeitos sejam respeitadas e a educação seja inclusiva. Pode-se considerar a discussão dessa temática um primeiro passo para que a escola possa vir a se tornar um ambiente diverso e aberto, onde estereótipos de gênero possam ser quebrados.

Scott (1995) problematiza a perspectiva binária do gênero, pela qual são atribuídas funções, papéis e valores socio-culturais rígidos às pessoas a partir de seu sexo. A perspectiva essencializante pautada, sobretudo, na biologia determina o campo de possibilidades do ser homem e a mulher, deixando pouco espaço para outras performances de gênero. Como salienta Louro (1997), o gênero deve ser uma categoria de análise que parte do caráter plural dos sujeitos e da realidade, desconstruindo argumentos biológicos e culturais que promovem a desigualdade, por considerar a figura masculina como referência a partir da qual as mulheres são avaliadas e julgadas socialmente.

2. Letramento literário e o encontro marcado com a literatura

Cosson e Paulino (2009, p. 67) definem letramento literário como um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.”. Dessa maneira, para que haja compreensão do texto é necessário não apenas refletir sobre a vida ou os problemas sociais representados, mas fazê-lo a partir da obra, de como essa representação é efetivada num registro esteticamente reconhecido. Através do letramento literário, a função de leitor é assumida por alunos e professor na

sala de aula, uma vez que a responsabilidade de formar leitores reflexivos e autônomos é, também, da escola. Para isso, o docente deve abordar a aula de literatura, sem limitar-se exclusivamente à discussão da história e dos estilos literários, pois estudar Literatura é, principalmente, efetuar a leitura do texto (COSSON, 2014), entregando-se ao processo de interpretação.

É com o letramento literário que o docente pode conseguir uma maior aproximação entre leitor e obra, construindo condições para que aquele se torne um coautor do texto. Considerando o letramento literário um processo onde leituras são desenvolvidas, o trabalho com a obra torna-se o foco e o caminho para a literatura na escola, com vistas à competência leitora dos estudantes:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON e PAULINO, 2014, p.30)

Assim sendo, a escola torna-se um lugar propício para a efetivação da leitura literária e é através dessa leitura que o trabalho com a linguagem deve ser abordado pelo docente, proporcionando, também, o prazer e o cultivo do ato de ler.

Cosson (2016) defende um ensino de literatura sistematizado a partir de etapas que favoreçam a aprendizagem do aluno e que considerem as suas necessidades frente ao desafio da leitura literária. Contrapõe-se, portanto, ao ensino pautado apenas na decodificação ou na oralização do escrito, práticas que não garantem a formação humanizadora do aluno-leitor e que não aguçam a sua criticidade a respeito do mundo que o cerca.

Dentre as práticas do letramento literário apontadas por Cosson (2016) está a sequência básica, que nos serviu de norte para elaboração do roteiro de leitura aqui proposto. Ela é constituída por quatro etapas: motivação, que se refere à preparação do aluno para adentrar no texto, com o conhecimento prévio ativado; a introdução, que consiste no momento em que o aluno é apresentado à obra e ao autor; a leitura, processo de leitura efetiva do texto; e a última etapa, a interpretação, momento privilegiado de interferência do leitor na obra rumo à construção de sentido, possibilitada pela tríade leitor-autor-comunidade.

Considerando que o letramento literário deve acontecer, sobretudo, na escola, objetivamos oferecer um roteiro de leitura para a obra “Angélica” (1975) focalizando o trabalho com o gênero. Esse instrumento didático não deve ser entendido como uma rota predefinida e fixa, mas algo que poderá servir como um dos diversos caminhos possíveis para o trabalho com essa obra literária, a partir da temática de gênero, estando, portanto, flexível e aberto à criatividade de cada professor. Tomando como base as abordagens apresentadas por Cosson (2009, 2014, 2016) e suas estratégias



para a concretização do letramento literário na escola (motivação, introdução, leitura e interpretação), apresentamos, a seguir, algumas atividades para o trabalho com a obra objeto desse estudo.

3. Roteiro de leitura para a obra “Angélica”: um caminho possível

Sendo “Angélica” (1975) uma narrativa longa considerando o tempo da aula de literatura, o texto pode ser explorado a partir de dois métodos: leitura oral, silenciosa ou compartilhada em sala de aula; ou leitura programada, realizada em casa, discutida mediante intervalos previamente combinados com a turma. Recomendamos mesclar essas duas metodologias: solicitar aos alunos a leitura prévia de alguns capítulos, mas também ler, em sala, alguns episódios, observando as reações dos estudantes, para mediar melhor a compreensão do texto. Como etapa de introdução, o professor poderia fazer uma breve apresentação e comentários sobre vida e obra de Lygia Bojunga, enfatizando aquelas narrativas onde o gênero se torna uma questão importante, como “A bolsa amarela” (1978) e “Angélica” (1975).

Cosson (2016, p.54) salienta que “a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muitos naturais”. Um dos papéis do professor na formação de leitores na escola é justamente encaminhar essa preparação para, motivando os alunos, propiciar adequadamente a leitura literária.

Para introduzir a discussão temática da obra, apontamos, como primeira motivação, a audição da música *No fundo do quintal da escola*, de Raul Seixas, no sentido de chamar atenção do aluno para o eu lírico e suas apreciações sobre a identidade, observando que ela não é fixa, mas sujeita a pressões e deslocamentos (HALL, 2005).

Tal como a personagem Porto, o eu lírico da canção percebe que seu modo de viver é diferente dos demais, assim como suas experiências e interações sociais. Dessa maneira, o professor poderia chamar a atenção do aluno para as diferenças entre os sujeitos de ambas as manifestações artísticas: enquanto, na narrativa, Porto tenta adequar-se à realidade dos sujeitos que o oprimem por ser diferente, na canção, o eu lírico demonstra não se importar com essa diferença, como observamos nos versos: *enquanto você me crítica, eu tô no meu caminho/Eu sou o que sou, porque eu vivo a minha maneira/ só sei que eu sinto que foi sempre assim minha vida inteira*. Assim, as primeiras discussões podem ser norteadas por esse contraponto, introduzindo, assim, a temática presente nos capítulos iniciais da obra.

Em seguida, o professor poderia proceder a leitura oral dos capítulos I e II, pausando em momentos estratégicos para relacionar o enredo da obra à problemática tratada na música: tal como o eu lírico na canção, o Porco, personagem de “Angélica” (1975), enfrenta conflitos na escola, por ser diferente dos demais colegas. A temática da aula seria o bullying, violência sofrida tanto pela personagem Porto como pelo eu-lírico da canção em pauta. O professor poderia aproveitar o momento para tratar do problema de rejeição ao outro, apenas pelo fato de ele apresentar características e modos de ser que, geralmente, não se encaixam em determinados padrões impostos pela sociedade.

Após esse momento, a discussão sobre gênero passaria a ser predominante. Uma nova motivação seria realizada com a dinâmica “Desconstruindo gênero”, que aconteceria da seguinte maneira: a turma seria dividida em dois grupos; seriam colocadas dentro de balões frases ditas por famosos, que confirmem ou desconstruam o gênero; cada integrante, um por vez, estouraria um balão; em seguida, leria a frase para a turma para que cada grupo especificasse se o autor é homem ou mulher; vence o grupo que mais acertar a que gênero “pertence” a autoria da frase.

Em seguida, o professor promoveria a reflexão acerca de estereótipos de gênero, questionando como estes enquadram e limitam o sujeito. É esse o momento oportuno para o docente iniciar uma reflexão acerca dos discursos promovidos pelos próprios alunos sobre o que eles consideram próprios de meninas e de meninos e frases que os mesmos usam em seu dia a dia que são (ou não) estereotipadas.

Dando prosseguimento à leitura/ interpretação da obra, o professor poderia mediar a relação do jogo realizado no momento anterior com algumas passagens dos capítulos III, IV e V, especialmente o episódio em que Porto se sente humilhado por Angélica pagar a conta do restaurante, quando tiveram seu primeiro encontro. A ideia é problematizar os lugares e as ações consideradas próprias para cada gênero, construindo condições para que os estudantes observem a opressão do ser resultante da perspectiva binária do gênero.

A motivação da etapa seguinte se daria com a exibição de dois vídeos curtos, *Vida Social e Igualdade de gêneros*, seguida de debate sobre as diferenças nas possibilidades de ser e fazer de homens e mulheres. Relacionada a essa discussão, o professor poderia ler alguns trechos selecionados, contrapondo dois perfis femininos: Angélica (cuja identidade nega alguns dos traços esperados para o feminino, como a submissão ao Pai) e sua mãe, que atualiza o modelo de mulher cuja visibilidade depende do marido, a quem obedece e realiza sua vontade.

Seria interessante que, na leitura da obra “Angélica” (1975), a turma refletisse sobre as personagens femininas e masculinas da obra, de maneira que aproximasse o texto literário da realidade do cotidiano, apontando os diferentes tipos de opressões vividos pelas quatro personagens femininas da obra: a Mulher-do-Jota, Mimi-das-Perucas, Angélica e a mãe de Angélica. Aqui, vale ressaltar que, ao contrário das demais personagens, Angélica não cede à figura masculina, representada pelo pai, que, desde o início, tenta domesticar seu corpo e seu espírito. Apesar da pressão para que ela aceite fingir ser o que não é – afinal de contas, não são as cegonhas que trazem os bebês ao mundo, como pensa a sociedade na qual Angélica e sua família vive –, em nenhum momento ela mostra-se submissa ao poder culturalmente dado ao homem.

A partir de alguns fragmentos, o professor poderia criar condições para que os alunos percebam que a mãe de Angélica caracteriza-se por seu perfil subserviente. Concordando sempre com seu marido, ela o obedece sem questioná-lo, sendo, por vezes, silenciada; por outro lado, o pai aparece como o chefe da família, detentor da palavra. Vejamos o seguinte trecho:

Pai: Muito prazer.

Mãe: *Muito prazer mesmo.*

Pai: Eu sou um chefe de família feliz.

Mãe: *Tão feliz.*

Pai: Meus filhos me respeitam, meus vizinhos me respeitam, todo o mundo me respeita.

Mãe: *Eu também.*

(BOJUNGA, 2013, p.58) (Grifo nosso)

É dessa forma que acontece o diálogo entre as personagens em análise: a mulher não se expressa efetivamente, apenas reproduz a opinião do marido, por vezes, até “diminuindo” a sua fala, evidenciando, assim, a passividade feminina. Por outro lado, ao pai de Angélica é dado o poder absoluto, inquestionável, uma vez que, como retrata a voz da personagem, “todo mundo o respeita”. O poder, como sendo inato à figura masculina, aparece nitidamente em outra cena da narrativa. No capítulo VIII, quando surge a dúvida sobre quantas badaladas o relógio tinha acabado soar, o pai determina a hora do dia, apoiando no argumento de era o chefe da casa e que, por isso, sabia o que diz. Dessa maneira, observando a linguagem e os gestos das personagens, é possível propiciar espaços para que os alunos questionem a hierarquia constituída na família de Angélica: ao homem, é atribuído o poder e à mulher, um papel secundário. Esses aspectos devem ser considerados pelo docente ao tratar de gênero na obra em questão.

A motivação seguinte prepararia os alunos para o aprofundamento da observação sobre as representações de gênero nas personagens Mimi-das-perucas e Jandira, conhecida como Mulher-do-

Jota. Nesse momento, seria elaborado com os estudantes um questionário para ser aplicado com as mulheres da família do aluno (mãe e avó), abordando temas em torno do trabalho, maternidade e casamento. Em seguida, os resultados seriam compartilhados com a turma, no sentido de, comparando as respostas, observar permanências e ausências de percepções, práticas e valores sobre o feminino. Articulando-se à motivação realizada, os alunos poderiam comparar Mimi-das-Perucas e Jandira, mediante a observação da composição física e psicológica dessas personagens, dos desejos expressos ou ocultados, dos discursos proferidos ou silenciados, da obediência e subversão das normas sociais estabelecidas, da permanência ou mudança nos modos de ser ao longo da narrativa.

Na trama, a Mulher-do-Jota também é oprimida pelo marido, aprisionando-a em um casamento que a faz perder a sua identidade, como indica o nome pela qual ela é conhecida. Na discussão com os alunos acerca dessa personagem, vale ressaltar que a opressão sofrida pela mãe de Angélica não é da mesma ordem daquela sofrida pela Mulher-do-jota. Assim como acontece na sociedade, as mulheres são oprimidas de várias maneiras, com maior ou menor intensidade, porém, sempre sofrendo diversos tipos de violência, ocasionando sofrimento. A mãe de Angélica, apesar de ser submissa ao marido, tem uma família de prestígio, com seu poder reconhecido. Já a Mulher-do-Jota, além de viver para o marido e para realizar afazeres domésticos, vê sua família passando necessidade.

Focalizando Jota e sua mulher, o professor poderia discutir sobre o machismo presente na sociedade, contrapondo o casamento destes personagens e os casamentos em que não há uma relação de cumplicidade e parceria. O discurso machista da personagem Jota poderia ser evidenciado a partir de trechos e frases exemplares de sua misoginia, como esta:

- Lugar de mulher é dentro de casa cuidando dos filhos, pronto, acabou-se!
(BOJUNGA, 2013, p.89)

Acompanhando o desenvolvimento da personagem, os alunos podem perceber que a Mulher-do-Jota ganha emancipação, pois consegue se libertar das imposições do marido, obtendo, assim, sua identidade de volta, ao exigir que todos a chamem por seu nome: Jandira.

Quanto a Mimi-das-perucas, a esposa do sapo Golçalves Dias, ela promove reflexão, pois diverge em alguns aspectos das outras personagens femininas. Através dela, o professor pode direcionar a aula para a reflexão acerca dos padrões de beleza aos quais a mulher é submetida pela sociedade. Essa personagem, assim como grande parte das mulheres, é vítima do consumismo. Para

pagar todos os produtos de beleza e ir ao cabeleireiro, ela faz com que o marido trabalhe sem parar:

A mulher de Napoleão Gonsalves, que se chamava Mimi-das-perucas e que vivia no cabeleireiro penteando e comprando roupa e comprando perfume e querendo comprar o dia inteiro e sempre infeliz e sempre dizendo que a vizinha tinha mais coisas e sempre querendo mais dinheiro pra comprar mais, tão falou, tanto reclamou, tanto brigou com Napoleão Gonçalves, que ele acabou na televisão anunciando pasta de dente e se sentindo infeliz à beça. (BOJUNGA,2013; p.92)

Os homens estão submetidos a padrões rígidos de beleza? Eles são cobrados, da mesma forma que as mulheres, para ter boa aparência? Considerando estes padrões, as mulheres seriam definidas apenas por sua beleza? Questionamentos como esses poderiam surgir na análise da personagem em questão, e o professor discutiria com os alunos sobre isso, incentivando-os a exporem sua opinião.

Das quatro personagens femininas destacadas nessa análise, Angélica é a única que resistiu à submissão masculina. Desde seu nascimento, ela diferenciara-se dos irmãos, da mãe, assim como das demais personagens. Ela representa a mulher ativa, que toma suas próprias decisões, que tem voz e vez. De acordo com Sandroni (2011, p.124), “Angélica (...) é uma personagem consciente de seus direitos”. Sobre isso, voltemos a um episódio exemplar: assim que nasceu, o pai de Angélica traça uma linha no chão e exige que a pequena ande sobre ela, sempre em linha reta. A cegonha, entretanto, desvia-se do caminho, não obedecendo à ordem paterna. A metáfora usada pela autora dar margem a várias interpretações, e isso pode ser amplamente explorado pelo professor no momento da discussão sobre essa personagem.

Angélica abre espaço para a discussão sobre as mulheres presentes na sociedade que vão contra os estereótipos de gênero, que não se enquadram nos padrões sociais. Através de Angélica, Lygia Bojunga problematiza paradigmas, promove a reflexão sobre o ser mulher em meio a sociedade munida de preceitos patriarcais arcaicos.

Com foco na leitura efetiva do texto literário, enfatizamos na proposta o diálogo intenso entre os leitores-professores e leitores-alunos durante todo o processo, com fim à compreensão da obra e das questões que nela engendram seu corpo ético e estético, com ênfase no gênero, proporcionando a interação dos leitores e a construção libertina dos sentidos. Assim, a relação estabelecida na construção dos sentidos para a obra deve ser colaborativa e crítica, observando, problematizando e reescrevendo significados para o texto, tendo o professor como mediador desse processo.



CONCLUSÕES

O trabalho com o texto literário que explore questões de gênero, assim como o faz “Angélica” (1975), proporcionará ao aluno uma visão crítica sobre os padrões sociais impostos a homens e mulheres, podendo contribuir para o surgimento de uma perspectiva de mundo mais plural e democrática. A partir de personagens marcantes, Bojunga explora o caráter questionador da literatura, problematizando o poder patriarcal e a normatização de gênero, baseada apenas em características biológicas.

No que se refere ao ensino de literatura em sala de aula, o trabalho com o texto literário é essencial para a formação leitora, tendo em vista que a obra, enquanto universo estético e ético que permite uma pluralidade de sentidos, exercita a autonomia e liberdade interpretativa dos leitores.

Como recurso didático, o roteiro de leitura é um caminho significativo para auxiliar os professores no desenvolvimento do letramento literário de seus alunos. Assim, concluímos que o docente deve investir nesse processo, pois ele se configura em possibilidade concreta para a formação do leitor crítico, sobretudo a partir do trabalho com obras que problematizem temas de interesse social, de grande potencial humanizador e educativo.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. (1975). **Angélica**. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2013. 116 p.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 139 p.

Igualdade de gêneros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCGLC-vziRc>. Acesso em: 10 abr. 2017.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCPURO, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016, p.142

LOURO, Guarcira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 6. ed. São Paulo: Editora Vozes, 1997. 184 p.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 35-52.



PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura**: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global Editora, 2009. p. 61-76.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: as renaixências renovadas. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 188 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995

Vida social. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nWJYB-2C_bs. Acesso em: 10 abr. 2017.